

CONSTRUIR O NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL!

Mais um ENEG começa e, como o seu próprio tema sugere, devemos questionar: qual curso de Geografia nós queremos?



O movimento estudantil teve destacado papel na luta contra o regime militar.

Não é de hoje que discutimos currículo, formação, autonomia. Na verdade essas são palavras caras aos estudantes brasileiros e latino-americanos, que desde a histórica ocupação da Universidade de Córdoba, na Argentina, em 1918, exigem a democratização das Universidades e a produção, nessas, de autêntico conhecimento científico, colocado à serviço do povo.

Na Geografia brasileira, particularmente, essa discussão tem profundas raízes. Ela remete ao final da década de 70 quando, refletindo o ascenso das lutas populares daquele período, os Encontros dos estudantes de Geografia e os Congressos da AGB submeteram à uma profunda crítica as diferentes escolas positivistas e teórico-quantitativas preponderantes até então, e defenderam claramente a necessidade de colocar a nossa disciplina a serviço da transformação da realidade e das lutas do nosso povo. Necessidade esta que só se realizará se o movimento estudantil for capaz de barrar os sucessivos ataques à universidade brasileira, tanto no que diz respeito ao seu caráter público e gratuito, quanto à própria concepção de educação que deve prevalecer em seu interior.

Que Geografia é essa?

A verdade é que todos os dias, nas universidades, desenrola-se a disputa entre duas concepções contraditórias: a concepção que tenta fazer da Universidade mero receptáculo, mero reprodutor da ideologia dominante na sociedade; e outra que tenta fazer desta produtora e difusora de autêntico conhecimento científico. De um lado o caminho **burocrático-reformista** das reitorias, dos governos de plantão e dos partidos eleitoreiros, e de outro lado o caminho **democrático-revolucionário** dos professores e intelectuais comprometidos com a transformação da realidade, e defendido principalmente pelo autêntico movimento estudantil. Disputa essa que não deixa de se manifestar, evidentemente, no nosso curso de Geografia.

A realidade atual não é, aliás, nada animadora. Ao debater currículo, ao debater a nossa formação enquanto geógrafos, somos obrigados a reconhecer que esta formação encontra-se, na maior parte das universidades, extremamente fragmentada entre diversas “áreas” como se entre elas houvesse uma verdadeira oposição e não a complementaridade própria a este curso. O que vemos é um crescente esvaziamento da quantidade e da qualidade dos trabalhos de campo (indispensáveis para garantir um curso ligado à realidade e baseado no tripé ensino-pesquisa-extensão) e um “relativismo” que, em nome de uma suposta “humanização” e “pluralização” da Geografia o que faz, na verdade, é afastá-la daquele que deve ser por excelência o seu palco: a luta de classes.

Devemos entender, aliás, que se a nossa formação e a qualidade mesmo dos nossos cursos deixa muito a desejar, esse não é um caso isolado da Geografia. Só é possível mesmo entender o seu sucateamento crescente no contexto mais amplo do ataque cerrado a quem vem sendo submetida a educação pública brasileira através da “reforma” universitária do governo Banco Mundial-Lula.

Que Universidade é essa?

O governo oportunista de Luis Inácio tenta por todos os meios apresentar a venda da universidade pública como uma “Reforma” do ensino superior. Não passa, na verdade, da aplicação do receituário do Banco Mundial e do ataque aberto à educação pública brasileira, reeditando e aprofundando nos dias atuais os famigerados acordos MEC-USAID tão combatidos pelo movimento estudantil revolucionário na década de 60.

Enquanto os tubarões do ensino privado faturam bilhões de reais com a mamata do PROUNI, as universidades públicas têm que suportar um (insuportável) cotidiano de precarização, abandono e repressão. Processo esse levado às raias do absurdo com o REUNI que, em nome de uma suposta “ampliação do acesso à universidade pública” amplia sim o desmonte da mesma. Na Universidade Federal Fluminense, por exemplo, o número de estudantes matriculados saltará de 23.000 em 2007 para 47.000 em 2012, um aumento de 102%, sem que a verba acompanhe um terço sequer desse aumento! Os números do Ensino à Distância, outra faceta do desmonte da universidade pública levado a cabo pelo governo federal, é um outro exemplo significativo:

EaD nos Cursos de Graduação							
Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Cursos	10	16	46	52	107	189	349
Matrículas	1.682	5.359	40.714	49.911	59.611	114.642	207.206

Fonte: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, vinculado ao MEC.

Esses números falam por si. Mostram que no ano 2000 haviam 10 cursos e um total de 1.682 estudantes matriculados em algum tipo de EaD e que em 2006 já eram 349 cursos atingindo a marca de 207.206 matrículas! Isso num contexto em que, por todo o País, proliferam “universidades”...privadas, claro. O Brasil tem reconhecidas atualmente 1.500 Instituições de Ensino Superior das quais as públicas não chegam a 300!

Não é à toa que, nos últimos anos, os estudantes brasileiros têm se levantado em defesa da educação pública e enfrentado, não poucas vezes, a repressão mais violenta por parte dos governos e reitorias. Na luta contra o REUNI, por exemplo, os estudantes enfrentaram desde cordões de isolamento impedindo que conselheiros votassem (UFRJ), votação dentro do Tribunal de Justiça, com cerco policial (UFF), até casos agudos como na Universidade Federal de Rondônia, aonde a votação foi encaminhada dentro da SIVAM (Serviço de Inteligência e Vigilância da Amazônia), ou seja, literalmente em uma base militar. Sem falar da UFBA, onde a polícia invadiu a universidade e agrediu e prendeu os estudantes, no melhor estilo regime militar.

Contra essa completa ausência de democracia na Universidade brasileira os estudantes se levantaram no último período, ocuparam reitorias, derrotaram as bombas da polícia e o oportunismo no movimento estudantil, como na recente (e histórica) mobilização dos estudantes na USP. E é dentro desse quadro que devemos entender a importância de retomar o movimento estudantil de Geografia.



Junho\2009 - Estudantes, professores e funcionários da USP na luta contra a PM no Campus e em defesa da Democracia na Universidade

REORGANIZAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE GEOGRAFIA!

Mais do que nunca os estudantes de Geografia têm que se organizar, e defender com unhas e dentes a qualidade da educação pública e gratuita em geral, e do curso de geografia em particular. Como imaginar um ensino de Geografia à distância, sem trabalhos de campo, pesquisas, investigação? Como pretender ter uma visão integrada e plena da realidade enquanto persiste a completa fragmentação do nosso currículo, o esvaziamento da produção científica para a mera reprodução acadêmica de manuais prontos e acabados?

Devemos também entender que essa tarefa de luta exige *instrumentos* para organizá-la. O oportunismo sem precedentes da UNE dirigida por PT/PCdoB e seu papel vergonhoso de verdadeira agência do MEC no interior das universidades, seus congressos fraudulentos e que são verdadeiras micaretas, não pode deixar qualquer dúvida quanto ao caráter traidor desta “entidade”, e a necessidade de luta decidida contra ela. Não obstante, devemos rechaçar também a ação do oportunismo eleitoral de PSOL e PSTU que, em nome de se “opor” à UNE, reproduzem a mesma prática eleitoral e desmobilizadora que levou esta última à falência, como demonstra sua ação de

sabotagem a todas as ocupações e greves estudantis ocorridas no último período, das quais o caso da USP é emblemático.

É necessário mais do que nunca rechaçar o eleitoralismo e o reformismo e propor um Novo Movimento Estudantil, verdadeiramente democrático, independente e combativo. Não podemos nem devemos confundir a oposição a esses partidos eleitoreiros como oposição à *organização política em geral* pois que, como a história do movimento estudantil brasileiro demonstra, é do grau de organização que depende nossa capacidade de luta. Devemos sim fortalecer os DA's, CA's, as assembléias, os Encontros Nacionais e Regionais, os fóruns como a CONEEG, definir calendários unificados de luta e uma verdadeira mobilização dos estudantes de Geografia. E, o que é mais importante, através da construção da **Greve Geral contra a “reforma” universitária do governo Banco-Mundial/Lula**, unificar as lutas específicas do nosso curso com as lutas dos estudantes brasileiros em todas as escolas e universidades do país. Somente dessa forma poderemos conquistar e defender as históricas bandeiras dos estudantes de Geografia e fazer da mesma, verdadeiramente, uma arma de luta a serviço do nosso povo.

Greve Geral contra a “reforma” universitária!

Movimento Estudantil Popular Revolucionário - MEPR

mepr.org.br